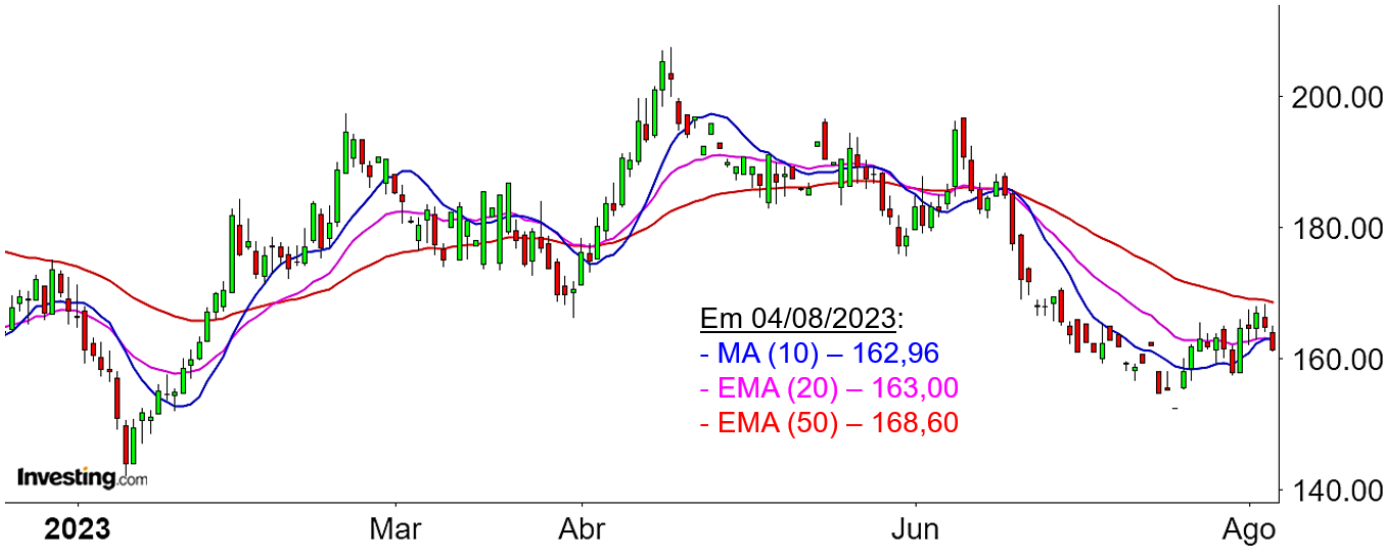
Gestão de Oportunidades Vs. Gestão de Riscos

No mês de julho/2023, as cotações do Arábica, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), que logo em seu primeiro dia fecharam em 159,70 cents/lb, para depois, esbarrar nos níveis de 155,00 cents/lb, encerraram o mês em 164,55 cents/lb, portanto, um mês de estabilidade com leve recuperação para o café Arábica. Em relação ao café Robusta, de modo similar, na Ice Futures Europe (Bolsa de Londres), o mês de julho/2023 iniciou-se com fechamento em USD 2.437,00/ton logo em seu primeiro dia, para depois ceder a níveis inferiores a USD 2.400,00/ton e, então, alcançar a máxima de USD 2.499,00/ton, encerrando o mês em USD 2.476,00/ton. Os motivos destes movimentos nas principais Bolsas de Café do mundo, a seguir...

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Janeiro a Julho de 2023



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé

Fechamentos - Mês de Julho/2023

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R$/sc)	R$ 880,00	R$ 920,00	R$ 920,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R$/sc)	R$ 820,00	R$ 860,00	R$ 860,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R$/sc)	R$ 620,00	R$ 750,00	R$ 750,00
Café Conilon, B/C, tipo 7 (R$/sc)	R$ 605,00	R$ 640,00	R$ 610,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	155,65	164,55	164,55
Bolsa SP - [B]³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	185,90	196,85	196,85
Bolsa Londres - ICE Europe - Conilon (USD/ton)**	2.392,00	2.499,00	2.476,00
Câmbio - PTAX - USD/R$	R$ 4,7202	R$ 4,8977	R$ 4,7415

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.
*Contrato/Vencimento: Dezembro/2023 **Contrato/Vencimento: Novembro/2023

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

A safra brasileira de 2023 está praticamente definida. E a percepção de muitos técnicos de campo é que está dentro do que já era esperado, isto é, maior que a safra de 2021, um pouco maior que a safra 2022 e muito menor do que a safra de 2020. Se por um lado, alguns produtores apontam certa frustração em relação à expectativa inicial, por outro lado, outros produtores relatam uma maior produção em relação ao que estavam esperando. Como já se sabe, a safra brasileira 2023 não é uma mega safra e está longe de trazer alívio para o balanço entre oferta e demanda. É claro, a chegada desses cafés ao mercado vem sendo fator de pressão para as cotações, nada fora do normal. Entretanto, como publicado na Síntese anterior, os dados do último relatório de mercado e comércio de café do USDA, publicado em junho, apontam que a produção mundial de café para 2023/24 deve superar a safra anterior em 4,3 milhões de sacas, indo para 174,3 milhões, todavia, com a previsão de consumo global caminhando para um recorde de 170,2 milhões de sacas, os estoques finais devem permanecer baixos, em 31,8 milhões de sacas, o que deve manter relação estoque/consumo praticamente igual à do ciclo anterior, saindo de 18,77% para 18,68% (uma leve redução inclusive). Assim, é possível concluir que o alívio no aperto entre oferta e demanda não deve ser tão significativo neste ciclo como muitos presumem.

Já em relação à safra brasileira de 2024, a expectativa inicial de uma mega safra, próxima da safra de 2020, já começa a ficar para trás. E na atual circunstância, já é possível perceber que dificilmente a safra de 2024 se aproximará da safra recorde de 2020. Para que a safra 2024 atingisse a produção de 2020, seria necessário um inverno mais chuvoso. No entanto, como é possível constatar nos Boletins de Avisos Fitossanitários da Fundação Procafé, em importantes regiões cafeeiras, não constatou-se chuvas significativas nos meses de junho e julho. Tanto é que, a essa altura do campeonato, algumas regiões cafeeiras já estão com déficit hídrico. Ainda, de acordo com os técnicos, os maiores problemas para a safra 2024 estão nas lavouras de carga média e nos preços da saca de café.

Muitas lavouras de carga média, em 2022 tiveram média produtividade, em 2023 retornaram com média produtividade e para 2024, muitos esperavam que mantivesse essa média produtividade, com pouca variação, porém não. E em função disso, muitas dessas lavouras de carga média que não seriam podadas já estão sendo podadas. E tonificando ainda mais a decisão de poda de inúmeros produtores, entram os baixos preços que, mesmo com a queda de determinados custos de produção, não cobrem os elevados custos de uma lavoura de carga baixa. Lavouras antigas das quais os produtores vinham protelando suas renovações, com os atuais níveis de preços, entram no plano de renovação. Esta realidade evidencia o fato de que, não há nada que tira mais café do mercado do que preço ruim. De acordo com o Pesquisador Alysson Vilela Fagundes, a conjuntura de preços baixos, leva a um mal trato daqui, um mal trato dali, uma poda que não seria feita, uma renovação que não seria realizada e, como consequência, a perda de produtividade em um país com significativa área de produção. Apenas para contextualizar, a cada uma saca de perda de produtividade em uma área de produção que se aproxima de 2 milhões de hectares, de fato, gera grande impacto nos fundamentos. É claro que em algumas regiões essa pode não ser a realidade. Em contrapartida, em inúmeras regiões a perda não será de apenas uma saca por hectare. Os preços baixos já começam a impactar negativamente a safra 2024, vejamos o que serão das safras mais adiante.

A propósito dos atuais níveis de preços, se por um lado a alta dos juros leva os compradores à

não formação de estoques, comprando o mínimo necessário, por outro lado os produtores seguem restringindo suas vendas uma vez que os atuais níveis de preços não cobre sequer seus custos de produção. Com isso, mercado totalmente travado (sem negócios) na maioria dos dias.

De acordo com a OIC, as exportações globais de café no mês de junho deste ano apresentaram uma queda de 6,6% em comparação a junho do ano passado, fechando o mês em 10,41 milhões de sacas. Associados à queda das exportações, no início deste mês de agosto, os estoques de café Arábica monitorados pela ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque) caíram abaixo de 530.000 sacas. Quanto aos estoques de café Robusta monitorados pela ICE Future Europe (Bolsa de Londres), também apresentaram queda, atingindo a mínima de 5.096 lotes (desde 2016). Ainda para o Robusta, mesmo com um aumento exponencial das exportações brasileiras no mês de junho, o Departamento Geral de Alfândegas do Vietnã informou que as exportações de café do Vietnã apresentou uma queda de 3,1% no primeiro semestre deste ano. Além disso, a produção de café do Vietnã neste ano deve apresentar uma queda de mais de 7%, sendo esta, a menor safra dos últimos quatro anos. Portanto, um cenário bem favorável para o Robusta e que, de certo modo, pode servir como fator de sustentação para a cotação do Arábica.

Por fim, nos últimos dez dias do mês de julho, foi possível observar uma recuperação das cotações do café na Bolsa de Nova Iorque. Esse movimento altista teve como principais pilares o apetite ao risco ocasionado por um certo otimismo do lado financeiro, a alta do petróleo e a queda do Dólar que, frente ao Real, encerrou o mês com a Ptax a R$ 4,7415. O Café Robusta, ao final do mês também surfou nesta onda de apetite ao risco por parte de fundos de investimento e especuladores, voltando a se aproximar dos níveis de USD 2.500,00/ton.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

A entrada da safra brasileira 2023, com os trabalhos de colheita bem encaminhados frente a um clima positivo seguem sendo fator de pressão paras as cotações do café na Bolsa de Nova Iorque, até mesmo pelo sentimento de alívio no aperto de oferta que vem tomando conta dos players de mercado. Outro ponto a se analisar, é que o spread do café na Bolsa de Nova Iorque voltou ao padrão normal com vencimentos mais longos mais valorizados do que os vencimentos mais curtos, o que reforça a percepção do mercado de alívio na escassez de curto prazo vista nos últimos anos frente às intempéries climáticas que as principais origens do mundo, incluindo o Brasil, enfrentaram.

A alta dos juros aliada às incertezas no cenário macroeconômico, vem mantendo compradores mais retraídos, comprando o mínimo necessário, limitando ao máximo a formação de estoques e aguardando a chegada dos cafés do ciclo 2023/24.

No mercado físico, os preços já voltaram para a média dos últimos cinco anos, o que pode ser indício de que os movimentos de queda mais intensos já estão próximos do fim, com as cotações na ICE Futures US (Nova Iorque) se aproximando cada vez mais de sua base mínima. De certo modo, o mercado já precificou a safra 2023 e daqui em diante pode ser que sofra apenas pequenos ajustes relacionados a este fator. Há espaço para mais quedas? Sim. O produtor tem que ficar atento, pois, sim, há espaço para mais quedas, entretanto, com menos intensidade do que ocorreu no primeiro semestre do ano. Neste quesito, é válido ressaltar que se o clima colaborar para período de floração para a safra do ano que vem, o mercado pode sofrer mais pressão. Apesar disso, é importante ter em mente que, embora o risco do inverno brasileiro com

ameaça de geadas ficou para trás, algumas regiões já vêm apresentando déficit hídrico e diferentemente do que alguns players de mercado acreditam, a safra 2024 já não tem mais potencial para chegar ao patamar da safra recorde de 2020 e, muito provavelmente, pelas razões expostas acima, em fatores de sustentação, em determinadas regiões cafeeiras, a safra 2024 tende a se aproximar mais da safra de 2023, que também não é uma mega safra.

Apesar do mercado interno seguir travado, dados do Relatório de Exportações do Cecafé apontam que o Brasil exportou 2,99 milhões de sacas de 60 kg de café em julho deste ano, primeiro mês da safra 2023/24, volume que implica crescimento de 18,7% em relação aos 2,52 milhões registrados no mesmo período antecedente.

Ademais, café anda extremamente susceptível aos movimentos do câmbio e à volatilidade do mercado financeiro global, com idas e vindas no mês de julho, na maioria das vezes seguindo estes fatores haja vista a ausência de novidades fundamentais de maior impacto. No quesito do câmbio, no início do mês com o Dólar cotado acima de R$ 4,90 as cotações do café romperam o suporte de 160,00 cents/lb na Bolsa de Nova Iorque, chegando a operar nos níveis de 155,00 cents/lb. Já no final do mês, com o Dólar operando próximo de R$ 4,70, foi possível observar uma recuperação das cotações do Arábica na Bolsa de Nova Iorque, com o café chegando a ser negociado acima de 165,00 cents/lb. Aqui, é importante frisar que a alta do Dólar nos primeiros dias de agosto, voltou a pressionar as cotações que já ensaiam o rompimento da linha de 160 cents/lb novamente. No que tange o aspecto econômico, as oscilações no cenário seguem descomedidas, ora com notícias positivas, ora com notícias negativas, o que aumenta ainda mais a volatilidade no mercado de café. Assim sendo, é preciso estar ligado diariamente nas novidades relacionadas à economia que vêm surgindo, em especial, nos Estados Unidos, na China, na Zona do Euro e, obviamente, no Brasil, que ao fim do mês de julho, foi beneficiado pela primeira redução da taxa básica de juros, a Selic, em três anos. Apesar disso, o Brasil segue como o país com o maior juro real (juros menos inflação) do mundo.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

O preço da saca de café no mercado físico já retornou para a média de preços dos últimos cinco anos e, infelizmente, há a possibilidade de mais quedas, embora sem tanta intensidade como foi possível observar no primeiro semestre do ano. Por ora o único fator que pode reverter essa viés baixista, é um surto climático de maior intensidade. Por enquanto, a realidade é essa e produtores têm que desapegar dos preços vistos no final de 2021 e início de 2022, essa realidade ficou pra trás. O período de gestão de oportunidades passou, aquele período de potencializar rentabilidade pela alta dos preços já ficou pra trás. O período agora é de fazer gestão de riscos, ou seja, o foco agora não é mais potencializar rentabilidade e sim minar o risco de prejuízos, com foco em margem e não em preços, até porque, da mesma forma que os preços vêm recuando, os custos também estão recuando.

Varginha, 07 de julho de 2023.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.
Superintendente Executivo - Fundação Procafé